

**A INVISIBILIDADE DA MULHER PAMPEANA:
subalternidade cultural e conservação da ordem social.**

GRUPO 13: RELACIONES DE GÉNERO EN EL MEDIO RURAL

Andréia Nunes Sá Brito¹; Luciano Rozalino¹; Paulo Roberto Cardoso da Silveira², Marco Antonio Verardi Fialho³;

*“Deve ser este o defeito:
Fazer só pra ser desfeito!
Do doente, são pela fé!
Abrir leitões com as mãos,
Pra cobrir sementes com os pés.
Cobrir os meus, quando chega o frio.
Encher seus pratos, pra vê-los vazios.
De moça, perder a ousadia,
e amar na noite que esconde
as imperfeições do dia.”
(Andréia Sá Brito)*

1) Introdução

Nos últimos anos, tem havido um interesse acadêmico cada vez maior pela temática de gênero no meio rural, retirando da invisibilidade a mulher rural como sujeito do processo sócio-histórico. Tais estudos vêm suprir uma lacuna deixada pelos estudos clássicos da sociologia rural, por um lado, que reproduziam uma imagem de um ser rural genérico, não valorizando as contradições de gênero. Por outro lado, a tendência de maximizar os fenômenos econômicos, através dos estudos sobre cadeias agro-alimentares, relega ao segundo plano as temáticas sócio-culturais, entre elas as questões de gênero (Lookie, 2001).

Tais enfoques ao não utilizar os referenciais da Antropologia, perdem a riqueza das relações cotidianas, onde se tece a história de homens e mulheres rurais e, ainda mais, como a imagem culturalmente construída da predominância masculina nos discursos das ciências sociais tem influenciado a relação inter-gênero no rural. A temática desse artigo assume maior relevância quando consideramos que a região sobre a qual desenvolvemos este estudo tem servido como base de referência para todo um imaginário da cultura gaúcha, onde se enaltece a figura masculina, relegando a figura feminina a sua sombra.

¹ Engenheiros Agrônomos, Mestrandos do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM – lrozalino@hotmail.com – andreialegrete@gmail.com

² Professor do DEAER-UFSM, Doutorando do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina – prcs1064@yahoo.com.br

³ Professor do PPGExR-UFSM, Doutor em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – marcoavf@hotmail.com

Este trabalho constitui-se em um esforço inicial de vasculhar no universo sócio-cultural e por que não dizer simbólico, de um fragmento da grande região Pampiana, buscando nos elementos contidos no cotidiano das famílias de agricultores, sua forma de organizar a produção e as formas de sociabilidade que desenvolvem, a contribuição de mulher como ser histórico. Esta busca considera a necessidade de compreender o discurso de homens e mulheres rurais como parte de um universo simbólico (Berger & Luckmann, 1966/1987), o qual condiciona as relações sociais e a relação com a natureza.

Torna-se importante acentuar a especificidade desta região em estudo, a qual por muito tempo permaneceu pouco inserida no processo de modernização da agricultura e da sociedade brasileira, acelerado a partir da década de 1970. Caracterizada pela criação de gado e ovelhas, seja em regime familiar ou patronal, mesclando pequenas propriedades e grandes extensões de terra (Herança das antigas estâncias), trabalhadores eventuais e permanentes nas estâncias com agricultores e pecuaristas familiares, todos em uma intrincada rede entre rincão⁴ e estância⁵ (Rozalino et alli, 2008).

Todo este processo complexo de inclusão-exclusão ocorre imerso em uma construção cultural de cultivar as tradições do passado, onde o mito do gaúcho é um elemento de conjunção entre os diversos grupos sociais que habitam a região. Neste contexto, a subalternidade diante do poder econômico e político das oligarquias, como definida por José de Souza Martins⁶, assume as dimensões de expropriação econômica, exclusão social e dominação política, atingindo as populações das localidades aqui estudadas. E, certamente, a subalternidade da mulher diante do universo masculino ainda é mais acentuada, como procuraremos mostrar a seguir.

2) Os Procedimentos Analíticos Utilizados

⁴ Rincão é a denominação regional dada às localidades rurais de maior concentração populacional, comumente situadas em meio às grandes propriedades e geralmente compostos por produtores minifundiários e pecuaristas familiares.

⁵ Propriedades rurais de grande porte, voltadas à atividade pecuária. As primeiras derivaram-se das Sesmarias, grandes extensões de terra visando a demarcação do território, distribuídas no século XVIII pela monarquia aos chefes militares, comerciantes capitalizados, entre outros simpatizantes da coroa.

⁶ Na obra "Caminhada no Chão da Noite", Ed. Vozes, 1989.

A área de referência para a coleta de dados da pesquisa circunscreve-se a parcela dos municípios de Rosário do Sul, dentro dos distritos de São Carlos e Caverá, e Alegrete nos distritos de Vasco Alves e Catimbau. Essas localidades pertencem à Unidade de Conservação denominada Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Ibirapuitã, que abrange, além desses, parcela dos municípios de Santana do Livramento e Quaraí, todos situados na fronteira-oeste⁷ do Rio Grande do Sul.

Os métodos e técnicas de investigação utilizados no trabalho baseiam-se na metodologia de Análise Diagnóstico de Sistemas Agrários, tendo como suporte o Guia Metodológico elaborado pelo convênio INCRA/FAO (1999).

Em um primeiro momento obteve-se em dados secundários sobre a realidade dos municípios componentes, referentes ao seu histórico, índices sócio-econômicos, mapas temáticos da região, evolução dos sistemas de criação e produção, entre outros. Esta consulta teve como objetivo realizar uma prévia identificação e caracterização agroecológica e sócio-econômica da área em estudo, delimitando assim, zonas homogêneas para posterior trabalho de campo. A partir do levantamento e análise destes dados, elaborou-se as questões chaves para entrevista com os informantes qualificados nas localidades, buscando melhor qualificar estas informações e confirmar mais precisamente as delimitações físicas das zonas homogêneas em que se baseará o trabalho posterior.

No momento seguinte da pesquisa, realizado no município de Alegrete, procedeu-se com entrevistas aos informantes qualificados (moradores mais antigos da região, técnicos da Fundação Maronna⁸, representante do IBAMA, entre outros), confirmando-se, então, uma delimitação de três zonas ditas homogêneas. Correspondendo estas a: Zona Norte, nas duas margens do Rio Ibirapuitã (Alegrete), de solos mais pedregosos, com população distribuída e presença de propriedades médias em relação às demais; Zona Leste, na margem direita do rio (Rosário do Sul e parte de Santana do Livramento), de relevo mais acidentado e população concentrada nos rincões adjacentes às estâncias; e Zona Sudoeste, na margem esquerda (Quaraí e parte de Santana do Livramento), predominância das coxilhas e várzeas, forte presença

⁷ Próximos às divisas do Brasil com o Uruguai e com a Argentina.

⁸ Instituição de pesquisa e extensão situada em uma propriedade, a Estância do 28, dentro dos limites da APA.

de grandes propriedades, onde não foi possível realizar o trabalho de campo nesta primeira etapa.

A partir deste momento, a equipe foi dividida em duas, focando o trabalho nas regiões de população mais representativa e diversidade de tipos sociais, isto é, nas Zonas Norte e Leste, de forma a obter o produto final com maior riqueza de informações. Nesse sentido, os resultados apresentados, neste trabalho, possuem um caráter preliminar ao diagnóstico dos sistemas agrários da APA do Rio Ibirapuitã. Para caracterização da região de estudo citada utilizou-se como instrumento metodológico entrevistas semi-estruturadas - e observações a campo - primeiramente com informantes chaves, obtendo-se como produto uma tipologia dos Sistemas de Produção⁹ das Zonas estudadas, além dos tipos sociais peculiares da região.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas com os informantes específicos pertencentes a cada sistema de produção segundo a tipologia elaborada, buscando caracterizá-los e compreender a racionalidade dos mesmos. Na análise específica da condição feminina e relações estabelecidas entre homens e mulheres nesse cenário, foi utilizada a interpretação de seus discursos, obtidos por meio de gravação e registro escrito das entrevistas. Considerando-se que essa pode ser uma forma de fazer com que as pessoas falem sobre suas vidas, e que permite ao pesquisador explorar não apenas fatos e atividades como também sentimentos, isto é, a experiência emocional de seus informantes. Em relação a essa modalidade metodológica, Coutinho (2006) afirma:

A narrativa oral tem sido um instrumento básico nos esforços dos trabalhos sobre gênero para incorporar vidas, atividades e sentimentos, inicialmente das mulheres e, posteriormente, também dos homens, em nossa compreensão do passado e do presente, e que não têm sido contemplados nos estudos tradicionais. (p.67)

Sendo tais entrevistas de cunho geral, para fins de conhecimento dos sistemas produtivos praticados, foram observados em seu conjunto alguns aspectos em especial, de conteúdo e forma, referentes às relações de gênero. Assim, como eventuais

⁹ Caracterização de Sistema na escala da unidade de produção, utilizado para aquelas em que a racionalidade está baseada na produção agrícola. Sua determinação é feita através de enquetes que exploram a estrutura e o funcionamento da unidade de produção agrícola, estando baseada na combinação entre cultivos e criações mais importantes, ou que geram a maior parcela da renda. Ex: Sistema de produção bovino de corte/ ovino de lã e plantas de cercado.

situações presenciadas durante o longo percurso entre as unidades a serem entrevistadas.

Para os fins do presente trabalho, buscou-se privilegiar o estudo em uma porção específica da área estudada, correspondente ao distrito de São Carlos (Serra do Caverá), nas localidades denominadas Chirca (remanescentes de quilombo) e Rincão dos Mendes em Rosário do Sul, e nos Subdistritos de Catimbau e Vasco Alves, nas localidades denominadas Rincão do 28 e Rincão do Meio em Alegrete.

3) Descrevendo a Região do Pampa: As falas em seu Lugar

O pampa é uma região fitogeográfica que recobre toda a República Oriental do Uruguai, parte da Argentina e 63% do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. O Bioma é composto por formação campestre dentro de duas das oito regiões fitoecológicas definidas para o Rio Grande do Sul, sendo estas a Savana Estépica e a Estepe. Em conjunto recobrem 46,6% do território do Rio Grande do Sul, possuem respectivamente 48% e 50% de cobertura natural e semi-natural (Hasenack et. al., 2007).

Figura 1 – Delimitação da região do pampa



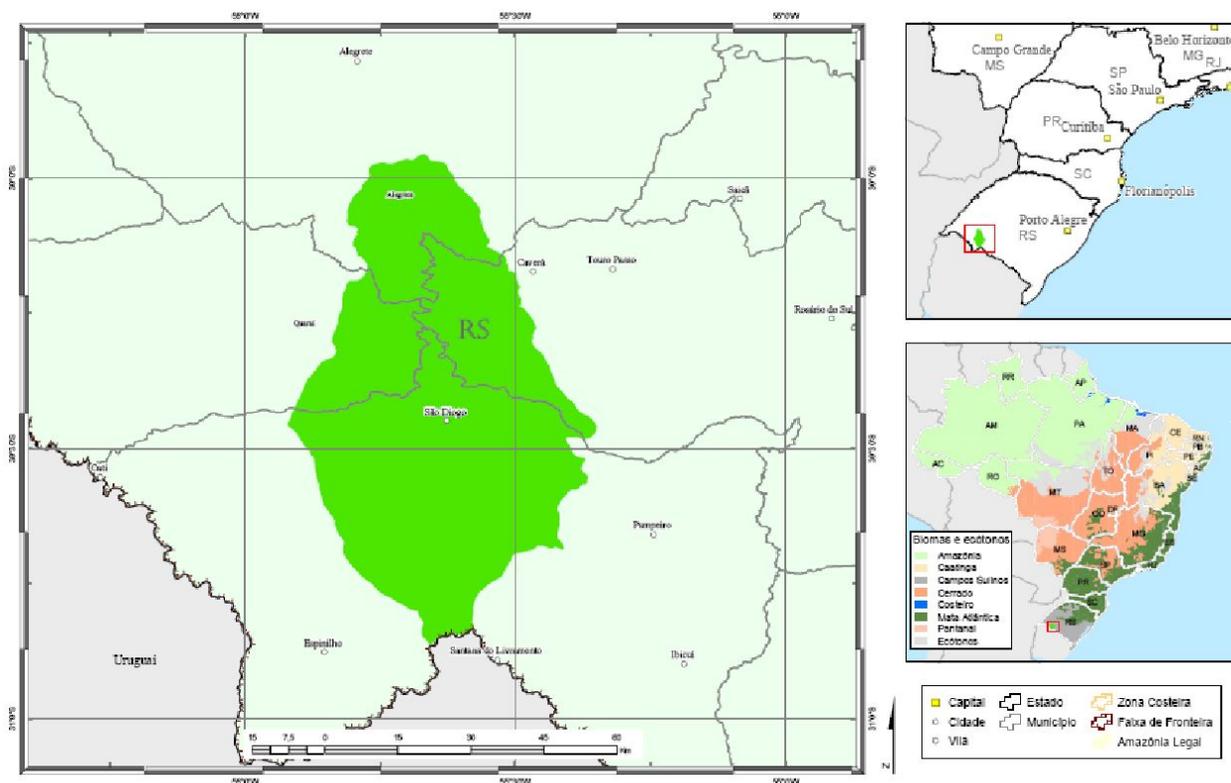
Fonte: Disponível em

<http://br.geocities.com/apa_ibirapuita/apa_onde.html>. Acesso em dezembro de 2008.

No Brasil, o Pampa configura-se como um Bioma brasileiro, assim como o são Amazônia, Pantanal, Mata Atlântica, Marinho-Costeiro, Cerrado e Caatinga.

A Área de Proteção Ambiental do Rio Ibirapuitã-RS, a qual teve porção analisada neste trabalho, é uma unidade de referência para o ecossistema em que se encontra. Tanto pela representatividade dentro do Bioma Pampa, pois abrange 318.767 hectares, (localizada entre as coordenadas aproximadas 55°29'W a 55°53'W e 29°05'S a 30°51'S), englobando parte da área dos municípios de Santana do Livramento/RS (57%), Rosário do Sul/RS (16%), Alegrete/RS (15%) e Quaraí/RS (12%), conforme demonstra a Figura 2.

Figura 2 - Localização do APA do Ibirapuitã-RS/BRASIL, (IBAMA, 2008).



Fonte: Disponível em

<http://www.ibama.gov.br/siucweb/unidades/apa/mapasucs/729/localizacao_brasil_A4.pdf>. Acesso em novembro de 2008.

Quanto pela abrangência de um tipo social amplamente reconhecido e intimamente ligado a essa paisagem, o gaúcho¹⁰. Isso se dá em função de sua relação histórica de grande dependência da condição natural das pastagens nativas, onde desenvolveu o trabalho extensivo com o gado. A partir dessa ligação básica entre homem – produção pecuária – campo nativo, se derivam outras associações, como a do gaúcho com o cavalo, com o cachorro, com o clima, entre outras. E pode-se atribuir à reprodução de suas formas de manejo desse ecossistema, as quais permitiram que se preservasse em grande medida a condição natural do ambiente pampeano, a possibilidade de configuração de uma APA como a do Rio Ibirapuitã.

As Áreas de Proteção Ambiental apresentam o diferencial, dentre as demais categorias de UCs, de permitir o manejo sustentável dos recursos por parte dos produtores ali instalados. Classifica-se como de uso direto, onde o direito de propriedade não é anulado, mas regulado. As APAs, segundo a legislação vigente, devem fundamentar-se por dois princípios básicos: 1) a conservação da diversidade de ambientes, de espécies e de processos naturais e, 2) a conservação do patrimônio cultural.

A APA do Rio Ibirapuitã foi criada pelo decreto federal 529, de 20 de maio de 1992, objetivando preservar fauna e flora regionais, a cultura e a tradição do gaúcho residente na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, bem como melhorar a qualidade de vida das populações que residem em seu interior, através da orientação e da disciplina das atividades econômicas locais. No entanto, sua criação foi conduzida sem um processo de negociação prévio com a população local, ignorando a diversidade de práticas sociais e a complexidade nas formas de exploração do espaço rural. Seu Plano

¹⁰ O gaúcho, também presente no território da pampa hoje correspondente aos países do Uruguai e da Argentina, constitui-se em um tipo que remonta o período histórico da formação do povo dessa região. Originalmente (antes de 1600) ocupada pelos índios pampeanos, ou Guaicurús do sul, nas suas várias subdivisões tribais (Charruas, Guenoas, Minuanos...), nela foi-se miscigenando essa etnia, por vezes forçosamente, aos europeus portugueses que vinham à caça desses índios para o trabalho escravo. Depois aos negros escravizados nas estâncias e à população branca marginalizada dessas. Constituindo então um povo mestiço, “caboclo”, como costumam ser chamados esses tipos em outras regiões do país. Os homens eram andarilhos ou “teatinos”, por vezes prestando serviços temporários como o de doma de cavalos nas estâncias, ou vivendo da venda de artigos de caça como penas de emas, sebo, couro, pelegos, etc. Duas obras literárias importantes na descrição desse tipo são Martin Fierro, de José Hernandez (1872 e 1879) e Don Segundo Sombra, de Ricardo Güiraldes (1926).

de Gestão, elaborado antes da promulgação da Lei que cria o SNUC¹¹, possui diversas situações descritas que não condizem com a realidade local. Deste modo, ignoram-se os diferentes tipos de produtores que produzem nessa área, homogeneizando-os e desconsiderando suas peculiaridades e percepções sobre o ambiente, concretizadas em práticas sociais de uso e manejo dos agroecossistemas. As diferentes tipologias de produtores definidas pelo estudo em curso podem retratar um pouco dessa diversidade não discutida, pois revelam relações muito além das compreendidas dentro das estâncias. Por exemplo, pela particularidade da dinâmica estabelecida nos Rincões diante dos sistemas produtivos familiares e estabelecimentos de aposentados. Esses condicionantes levam a crer que o segundo princípio básico em que se fundamenta essa categoria de unidade de conservação está insuficientemente atendido, pois sem conhecer a diversidade humana e cultural presente no território não seria possível conservá-la.

4) A Representação Social do Gaúcho: ocultando as contradições de classe e gênero

Muitas das organizações atuantes nessa região instituíram um discurso que retro-alimenta uma visão homogeneizante da sociedade, onde a cultura já se encontra protegida pelo culto às tradições, desenvolvido dentro dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Deve-se considerar que nesses municípios os CTGs, são em grande número e se constituem como opção enquanto clubes de lazer ligados à identidade local. E cabe aqui caracterizá-los para que se reflita sobre seu papel de influência na interpretação da sociedade regional sobre o traço cultural dos gaúchos.

Tais entidades são filiadas a uma organização maior, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que atua como um representante legítimo da cultura gaúcha juntamente com órgãos oficiais do governo estadual, como o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF). O MTG foi criado no final da década de 40 por um grupo de estudantes residentes na capital do estado, no intuito de resgatar e fortalecer a

¹¹ Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza , criado em 2000, segundo o qual estabeleceram-se novos conceitos de gestão para essas unidades.

imagem das estâncias¹² e suas relações. Trata-se de um movimento surgido no interior de uma elite econômica e cultural conservadora, ligada à pecuária extensiva, que predominou por várias décadas no Rio Grande do Sul, onde se vivia uma conjuntura de revoltas políticas armadas. Já na década de 40, inicia-se um período de modernização urbano-industrial (acelerado a partir do final da Segunda Guerra Mundial) que lhes retira esse protagonismo. Portanto, tal circuito em torno das estâncias não entra no ambiente de grande circulação do capital e perde importância política no cenário estadual e nacional.

Então, o movimento cultural e, em certa medida, político, criado por aquele grupo de estudantes da capital do estado, começa por promover eventos, sistematizar e normatizar as manifestações folclóricas e artísticas, procurando abranger nesses relatos as peculiaridades das diversas regiões do estado. Registra cerca de 30 danças grupais e individuais¹³ como “tradicionais”, além de outras manifestações artísticas, para as quais a promoção ficou por conta dos concursos entre os grupos de interpretação.

Já, as atividades desenvolvidas nas estâncias, ficaram representadas nas provas campeiras, disputadas nos rodeios. As vestimentas de época, chamadas “pilchas” ou “indumentária gaúcha”, foram divididas segundo 4 períodos históricos vivenciados pelo RS. Para cada período foram estabelecidos casais representativos, e só no período correspondente ao final do século XVIII apresentam dois distintos, um da classe social dominante, outro de categorias subalternas, nos demais aparecem como pertencendo a apenas um estrato social¹⁴.

Ainda sobre esse aspecto, pode-se inferir sobre a intencionalidade, homogeneizante no que tange à divisão de classes, e discriminatória no âmbito das relações de gênero. Pois, para o homem, a pilcha atual corresponde a trajes realmente utilizados contemporaneamente e sua imagem transparece um ar de conforto numa figura já madura; para a mulher foi uma invenção, mesclando vestes da cultura caipira e

¹² Os CTGs reproduzem na sua organização a estrutura de uma estância, pela qual a diretoria é chamada de Patronagem, os ocupantes de cargos acessórios são chamados de Agregados (das falas, das pilchas...) e os diversos departamentos, de Invernadas (artística, cultural, campeira...).

¹³ Entre as mais grupais conhecidas estão o “Pézinho”, “Quatro passi”, “Chote de duas damas”, “Chimarrita”, “Rancheira de carreirinha”, “Pau-de-fitas”, assim como a “Chula” na forma individual.

¹⁴ Para mais detalhes ver FAGUNDES, Antônio Augusto. **Indumentária Gaúcha**, Martins Livreiro Editor (2ª Edição) - Porto Alegre – 1985.

ainda carregando traços do período histórico anterior, transparecendo na figura a sensualidade oculta no pudor e discrição recomendados à figura feminina, jovem e bela. Nesse rol de representações, definiu-se um tipo ideal de gaúcho (peão) e de gaúcha (prenda), híbridos entre os diversos matizes culturais do estado, e para estes também há um concurso, onde se avalia o concorrente que melhor representa essa construção figurativa através de provas temáticas.

No Concurso Estadual de Peões são avaliadas em especial as habilidades nas atividades campeiras do concorrente (sendo esta a prova de maior pontuação juntamente com a escrita). Já no Concurso Estadual de Prendas as concorrentes devem demonstrar que são realmente “prendadas”, para isso são avaliadas no seu conhecimento e habilidade com as formas de artesanato correspondentes à região que representam (e até alguns anos atrás precisavam também preparar algum prato da culinária regional), na categoria adulta, enquanto as crianças devem apresentar brinquedos e brincadeiras regionais. Além disso, devem desenvolver três projetos, um de difusão dos princípios tradicionalistas dentro das escolas, outro ligado à preservação do meio ambiente, e ainda, de um evento que promova a inclusão social, apresentados em forma de relatório. E ambos, peões e prendas, são avaliados nos conhecimentos sobre Tradicionalismo, Tradição e Folclore e Noções de História e Geografia do Rio Grande do Sul em prova escrita objetiva, nos dotes artísticos dentro das modalidades “tradicionais”, em sua desenvoltura e oratória, e na participação em eventos promovidos pelo MTG.

Identifica-se um cunho ideológico contido no desenho estrutural e nas atividades promovidas por esse movimento, visando atingir diversas camadas sociais com uma mesma proposta identitária. Mas, além desse objetivo, denota-se que a tradição a qual intenciona preservar é a da sociedade patriarcal e em grande medida machista, reproduzida nos seus diversos matizes. No caso especial dos concursos anteriormente mencionados, e nos desdobramentos que esses modelos projetados provocam na sociedade em geral, pode-se perceber a clara divisão de funções entre os gêneros. Enquanto no homem são valorizados aspectos de força, da sua ligação com o cavalo, formando a imagem amplamente difundida, que representa o “centauro da pampa”; na mulher são enaltecidas as virtudes de delicadeza, hospitalidade e a ligação com o

ambiente privado da casa, postura secundarizada nas relações sociais. Nessa representação atual e urbana de atividades de um mundo rural antigo, se reforça a visão de “espaços masculinos” e “espaços femininos”, ainda presentes de maneira muito significativa no rural.

Ainda em outras manifestações ligadas à cultura gaúcha e vinculadas ou não aos princípios do MTG, identifica-se e desvalorização do feminino. E, nesse âmbito, a música regional é emblemática. No trabalho de análise de letras, feito por Soares e Soares (2006), as autoras verificaram que a mulher é retratada de diversas maneiras depreciativas nessas obras, e que,

(...) a maioria delas se referem à mulher como alguém submissa, vinculada aos afazeres domésticos, a espera do gaúcho macho: “E as filhas da Chimbica Florisbela/Já tão com o Mate de Espera/Loucas pra nos ver chega...”, “Me lembro da tia Picuxa que era surda de um ouvido/andava sempre brigando com um fogão velho e entupido/chegava de meio-dia tava tudo resolvido...”, “eu não posso perder o fandango/pois sempre tem uma negrinha a me esperar...”(Soares e Soares,p 02).

Ademais, se somam a estas representações, as artes plásticas e as mídias de massa, como cinema, rádio e televisão, apresentando o gaúcho como aquele que veste bombachas, botas e lenço, anda montado a cavalo, é galanteador e honrado, e cuja representação é sempre masculina.

5) Para além da representação social dominante: As Mulheres Pampeanas

Apesar da imagem construída sobre a cultura gaúcha estar em muito referenciada nessa figura viril, cujo trabalho com as lidas campeiras é valorizado e enaltecido como de força e coragem, por vezes anulando a importância feminina, esta aparece de maneira significativa no seu domínio, o privado. Durante as entrevistas conduzidas nos municípios de Alegrete e Rosário do Sul, no âmbito doméstico das unidades de produção, as mulheres tiveram papel fundamental. Em algumas ocasiões, por razão do marido não encontrar-se no momento da entrevista, trabalhando no campo ou em outras unidades de produção, em outras por serem consultadas em função do registro mais preciso do funcionamento da propriedade. Dentre as 15 entrevistas realizadas, em 3 não havia mulheres na casa, 5 foram conduzidas apenas com as mulheres, em 1 caso a mulher apenas acompanhou, em outra não foi chamada e nas demais responderam em conjunto com o homem.

Essa diferença no nível de participação, pode ser atribuída às diferenças entre os sistemas de produção. E, a partir dos diferentes sistemas produtivos e tipos de estabelecimentos encontrados na região, pode-se também atribuir a estes funções diferentes para a mulher na unidade doméstica:

- a) Nos tipos patronais – normalmente residem na cidade e ficam na propriedade apenas no período de “férias”, não se envolvem com as questões produtivas; transferem parte das tarefas da casa a outras mulheres, as empregadas domésticas, as quais supervisionam e dirigem.

Houve uma ocorrência em que a mulher residia na estância, porém não estava presente durante a entrevista. Seu filho, que respondeu às questões, havia se esquecido de comentar sobre um rebanho de vacas da raça Gersey (de aptidão leiteira) que se encontrava em uma pastagem frente ao local de moradia. Quando foi questionado sobre os animais, dissera serem para o “entretenimento” de sua mãe, pois, apesar de venderem matrizes de alto padrão genético e do leite desses 47 animais ser utilizado para o consumo da família e empregados e na produção de doce-de-leite (comercializado), não era contabilizado na renda da propriedade. As terras estavam no nome de sua mãe (recebera de herança) e era ela a citada pelos vizinhos como a dona da propriedade, porém a gestão desta não ficava a seu cargo.

Essa situação da figura feminina ser apenas uma referência aparente, como a breve continuação do nome da família paterna, se repete em outros estabelecimentos. Pois o mais comum é que seu marido ou o filho que se dedique à atividade assuma a gestão do negócio. Nesse sentido, nota-se que geralmente o homem é agregado à família de sua esposa, ao contrário do que ocorre com outras culturas, como as de origem germânica.

Noutra oportunidade, enquanto o marido conversava com a equipe, a esposa apenas ofereceu chimarrão e, posteriormente, um doce (industrializado), servido em prataria antiga e requintada. Em nenhum momento pronunciou palavras, mesmo que fosse estimulada a participar da discussão. A filha mais velha, mesmo residindo na estância e tendo formação em Medicina Veterinária, não participava das decisões produtivas e sequer foi chamada à discussão.

No caso que se presenciou assumir a mulher o papel de protagonista, se masculinizara, provavelmente no intuito de ser aceita e respeitada. Nessa condição foi identificada uma “estancieira” no município de Rosário, que há pouco teria adquirido terras ou assumido propriedade na região. Fora encontrada enquanto observava seus peões conduzirem uma tropa pela estrada. Abordou o carro da equipe de pesquisa, a cavalo e empunhando o relho, enquanto tentavam fotografar o episódio peculiar na região. Questionou “o que estavam registrando sem pedir permissão?”. As demais moradoras comentaram, nas visitas posteriores em que foi relatado o fato, que essa postura autoritária da estancieira já vinha sendo notada e reprovada pela comunidade. Era a única dentre os proprietários que colocava cadeado nas porteiças.

- b) Nos tipos familiares – são participantes nas atividades, porém, com tarefas divididas. Elas cuidam do serviço doméstico, da casa, da horta, de pequenas criações, das crianças e dos velhos, vendem produtos processados ou artesanato e participam de outras atividades quando apenas a mão-de-obra masculina disponível não é suficiente. Aos homens compete o serviço do campo, o manejo com gado, ovelhas, cavalos, assim como as contratações de venda (mão-de-obra e produtos principais).

Segundo Anita Brumer (2004):

Dois aspectos podem explicar a divisão de trabalho que se estabelece entre homens e mulheres rurais. O primeiro é que a unidade familiar de produção caracteriza-se por reunir os esforços de todos os membros da família, com vistas ao benefício de todos, havendo uma necessária aproximação entre unidade de produção e unidade de consumo. O segundo é que vivemos em uma sociedade paternalista, e de certo modo machista, em que se atribui ao homem o papel de responsável pelo provimento da família. (Brumer,2004. p 212)

Essa reunião de esforços fica clara em uma das entrevistas, onde a família tinha uma produção diversificada e prestava serviço na localidade. Nessas atividades externas, todos os membros mais velhos trabalhavam, conforme fica descrito na transcrição a seguir:

Entrevistador– O que mais vocês fazem quando prestam serviço?

Filho – Eu, mais o que eu fazia era esquilar¹⁵

¹⁵ Ato de cortar a lã dos ovinos, desempenhado por máquina com pentes ou manualmente, com tesouras chamadas de “martelos”, feito anualmente durante a primavera. Nessa região ainda predominam os rebanhos de raças voltadas para a produção de lã, então esse serviço emprega uma mão-de-obra

Entrevistador – à martelo ou com tesoura elétrica?

Filho – à martelo.

Entrevistador– E o teu pai também, daí?

Filho – Também.

Mãe – Eu agora parei, deixei de esquilar.

Entrevistador – A senhora esquilava também?

Mãe – É, me criei **ajudando** o pai a esquilar aqui. Desde pequena... Todo serviço... Eu, se vou pegar na cerca, eu pego em todo serviço. Agora o meu marido mesmo contratou uma cerca pra o S. Fulano¹⁶ aqui, aí eu **ajudei**. Fizemos bem rápido, nós os 3.

E, portanto, apesar do trabalho feminino ser imprescindível dentro dos tipos familiares, ainda assim é secundarizado. Quando elas desempenham trabalhos considerados produtivos, isto é, que geram riqueza, geralmente fica configurado como “ajuda”. Nas tarefas do âmbito da reprodução familiar, que não são vistas como trabalho, mas como atividades ligadas ao afeto (“trabalho de mulher”), sustentam aquilo que os homens fazem e que a sociedade considera como trabalho produtivo (SOF, 2006).

Garcia Jr. (1990) afirma que a oposição homem-mulher permeia todas as atividades domésticas dos agricultores, especificando esferas articuladas e hierarquizadas. Entre os camponeses nordestinos identificou que,

Ao homem, pai de família, cabem as decisões sobre o sítio e/ou roçado, bem como o negócio, controlando assim as decisões sobre a produção da unidade doméstica e os meios de fazer face ao consumo semanal materializado na feira. À mulher, mãe de família, cabem as decisões da casa, o consumo diário de alimentos do grupo doméstico e a reprodução das condições sociais de consumo, o cuidado das crianças menores. (GARCIA JR, 1990, p. 133)

As atividades das mulheres estão ligadas, majoritariamente, ao ambiente privado, nas funções alimentares e ligadas à saúde, mesmo que não se envolvam diretamente, como é o caso das mulheres nos tipos patronais. Esse fator é importante do ponto de vista do autoconsumo e da segurança alimentar¹⁷, que pode ser um

sazonal. No tempo em que não se utilizavam amplamente as máquinas elétricas, era comum a contratação de grandes grupos de esquiladores, as “comparsas”.

¹⁶ Pseudônimo.

¹⁷ Autoconsumo refere-se ao consumo feito pela unidade familiar da produção obtida dentro da propriedade, também chamado por alguns de produção de subsistência. Já a segurança alimentar

limitante naquelas unidades onde só residem homens. Essa condição foi registrada em alguns estabelecimentos de famílias com filhos em idade escolar do ensino médio (não oferecido nas escolas rurais das localidades estudadas), em que a esposa mudou-se para a cidade acompanhando os filhos e lá procura fixar-se trabalhando para sustentar a outra moradia. Por vezes planejam voltar quando os filhos estiverem independentes, em outras levar também o marido, quando precisam de alguma assistência constante em saúde, inexistente nessas localidades rurais. Nessas unidades onde a mulher está fora ou é falecida (caso de uma moradia de aposentado) a alimentação torna-se precária, pois dificilmente os homens atenderão o campo e cultivos de consumo interno que requerem maior atenção, como a horta. E mesmo o “cercado” ou “chácara”, como chamam o local destinado às “plantas de barço” (por exemplo: melancia, melão, abóbora) somadas por vezes ao milho, ao feijão e à mandioca, ficam desatendidos e perdem a regularidade de cultivo.

Um indicativo é o hábito de oferecer algo de comer aos visitantes, geralmente doces e biscoitos, quando a visita é programada ou se prolonga, o que não foi registrado nos estabelecimentos onde não há presença feminina. Já em uma das propriedades de aposentados visitada em Rosário do Sul, identificada pelo forte sentimento de pertencimento ao local do casal morador, a comida carregava também o sentido de tradução desse sentimento. Nas palavras da moradora, que protagonizou a entrevista, os visitantes não poderiam deixar de provar daquele alimento “puro” da campanha. A expressão utilizada tem como oposto o “impuro” ou “menos puro” da cidade, sentido que pode estar incorporado em um dos objetivos dessa fala. Seus biscoitos eram produzidos com ovos de ema, animal nativo da região, os quais encontrava nos ninhos alocados no meio do campo. Essa ligação com o ambiente esteve presente durante toda sua fala, e também no aspecto místico e religioso, pois quando falava em Deus e suas orações, referia-se também a forças da natureza. Por exemplo, declarando que quando lavava roupas na sanga¹⁸ ajoelhava-se à barranca e “benzia-se com a água” fazendo as suas preces.

refere-se à garantia da oferta de alimentos em quantidade e na qualidade adequadas para a reprodução da família dentro dos padrões mínimos de saúde e nutrição.

¹⁸ Córrego ou curso d'água de proporções inferiores a um arroio.

Nesse sentido, pode-se observar o cunho de espiritualidade desvinculada de doutrinas religiosas na região, pois no local se viu poucas capelas que, segundo os relatos, eram utilizadas apenas nas oportunidades em que o padre vinha da cidade para a missa semanal, da qual participavam algumas famílias. Esse, no entanto, não é um ambiente de sociabilidade, como ocorre em regiões de predominância da etnia italiana (na maioria católicos) e alemã (na maioria luteranos), em que se promovem eventos e a comunidade é participativa em torno do templo. Os espaços de convívio para as mulheres são restritos aos bailes, onde todos os adultos participam, e em algumas festas promovidas pelas escolas, aonde também as crianças vão. Além disso, as visitas esporádicas a algum vizinho ou parente. Já os bolichos, onde há lugar para jogos, são freqüentados quase exclusivamente por homens, assim como os rodeios, onde elas só assistem às provas desempenhadas por eles. O fator da sociabilidade restrita para as mulheres é um agravante do ponto de vista da sua participação no ambiente público, pois mesmo nas visitas continuam dentro do ambiente ao qual se “resignam” na sua rotina diária.

Entre as famílias visitadas não foi percebida a distinção no tratamento entre crianças do sexo masculino e do sexo feminino. As meninas trabalham no serviço de campo interno à unidade, tal qual os meninos, dividindo-o ou não com os afazeres da casa. Em um dos relatos, a filha do proprietário, já casada e residindo com o marido na propriedade, declarou em relação à sua infância e juventude “eu era o peão do meu pai”. Sugerindo que, na ausência de trabalhadores contratados, ou na deficiência de mão-de-obra exclusivamente masculina, elas desempenham os mesmos papéis desses homens. Em outra entrevista essa situação se apresenta da mesma forma, como pode ser percebido pelo trecho a seguir:

Entrevistador – Como é o teu nome?

Menina – Beltrana¹⁹ ...

Entrevistador – Tu anda a cavalo, Beltrana?(ela faz o gesto negativo) Não?!

Mãe– Essa aí não anda, já está com quase 5 anos e não anda a cavalo até agora!

Entrevistador – Tem medo, Beltrana?

¹⁹ Pseudônimo.

Mãe – Não, o pai nunca colocou ela a cavalo. Com eu digo, esse guri mais velho meu, desde os 4 anos já anda a cavalo, desde os 4 anos começou. O outro também, outro mais velho, que está pra cidade com o meu marido.

Nessa fala a mãe da menina leva a crer que sua filha deveria ser tratada igual aos demais, pois precisa aprender a trabalhar com os animais, assim como eles aprenderam desde cedo. No entanto, como aconteceu com a esposa e filha do relato anterior, provavelmente quando essa menina tornar-se “mulher”, deixará de ocupar esse espaço. Neste momento, cede espaço para os irmãos já “homens” e mais desenvolvidos na força física, ou para trabalhadores contratados, ou mesmo deixando-o vago, porque precisa ocupar outros espaços a ela designados na divisão do trabalho estabelecida dentro da família.

Porém, outra imagem, além da subalterna, também é atribuída às mulheres do pampa, principalmente pela forma artística e literária de descrevê-las. É a imagem ligada à sua **força**, não tanto no sentido físico, atribuído ao homem, mas na postura e na personalidade. No seu conhecido romance “O tempo e o vento”²⁰, Érico Veríssimo dá essa característica a suas principais personagens femininas, como fica descrito nesse diálogo

- Nesta província os homens em geral resolvem suas questões a arma branca ou a arma de fogo. O duelo dura poucos minutos, um dos adversários fica estendido no chão...
- Ou os dois...
- Sim, ou os dois. E a questão está resolvida.
- Mas nós mulheres não somos assim. Ficamos com a nossa guerra miudinha, dia a dia, hora a hora...
- E é preciso mais coragem pra esse tipo de guerra feminina do que pra um duelo a adaga ou pistola.
- A paciência é nossa maior arma, doutor.

(Érico Veríssimo – O Tempo e o Vento)

E nesse romance, conforme descreve Necchi (2005), “a figura mais emblemática, detentora de força e memória, é Ana Terra, a mulher que remonta às origens da formação do Rio Grande” É uma mulher corajosa, que, como parteira, contribui para que a vida vingasse num contexto histórico de guerras e morte. Ela remonta a gênese do povo gaúcho, pois junto com Pedro Missioneiro, cuja mãe índia fora estuprada por um bandeirante, gera um filho que depois é recrutado para a guerra. E Ana Terra,

²⁰Trilogia, composta pelos livros: *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago* – que foram lançados, respectivamente, em 1948, 1951 e 1961-1962.

assim como boa parte das mulheres gaúchas dos séculos 18 e 19, permaneceu em sua casa aguardando o retorno do guerreiro.

Já na obra cinematográfica “Anahy de las Misiones”, de Sérgio Silva, há um deslocamento de gênero de todas as características trivialmente masculinas atribuídas ao gaúcho, para uma personagem feminina, dotando-lhe também da força mencionada anteriormente. Ao mesmo tempo, os personagens masculinos da trama aparecem fragilizados, acovardados ou portadores de estigmas (na condição de deficiente físico ou de homossexual), subvertendo a postura comumente destinada ao homem gaúcho (Necchi, 2005).

No presente estudo esse foi um elemento que causou surpresa à equipe que conduziu os trabalhos em Rosário do Sul, pois as figuras femininas encontradas durante as entrevistas transpareciam esse mesmo elemento formador. Quando uma das entrevistadas se despede da equipe, pedindo que não a esquecessem, declara “e o meu nome é Anita Mendes Maciel, tocaia da Anita Garibaldi; o meu signo é touro, poderoso, com a licença de Deus” evocando assim a imagem de força da revolucionária e do animal. Além dela, outras também introjetavam essa imagem, referida em suas declarações, como foi o caso de uma jovem que disse considerar difícil encontrar homem para lhe fazer “costado no serviço”, referindo-se ao seu conhecimento e destreza na lida campeira. Nessa família ela era a única a desenvolver o trabalho no campo, o que tinha lhe proporcionado alguma capitalização e a possibilidade de “contratar casamento”. Ambas viviam em um contexto de dificuldades, vivenciadas com a família e sob o aspecto financeiro. Condição que também se pode atribuir às personagens criadas por Érico Veríssimo e Sérgio Silva, o que indica uma estratégia de superação, com essa força dotando-as de capacidade para enfrentar as condições que a vida lhes impusera.

6) Considerações Provisórias sobre o Objeto de Estudo

Diante desse contexto das relações de gênero encontrado na realidade estudada, permite comparações com outras situações vivenciadas pelas mulheres rurais em outras regiões. Assim como foram evidenciados papéis semelhantes às mulheres camponesas de vários locais (Nordeste brasileiro, estudado por Garcia Jr, o Noroeste do Rio Grande do Sul, estudado por Anita Brumer) nos tipos que denominamos familiares, observou-se em nosso

estudo exploratório, diferenças e peculiaridades regionais. Tais como o elemento da força, de sua personalidade marcante, de sua maior proximidade aos elementos naturais. De outro lado, a subalternidade da mulher em relação a sua participação nas decisões sobre o produtivo e sobre os assuntos públicos.

A história e a “tradição inventada”²¹ mascararam essas relações de gênero e de classes, que em trabalhos como esse podem ser evidenciadas. A invisibilidade dessas mulheres do pampa, considerando o olhar externo que não as reconhecem como parte importante da dinâmica social ali constituída, em grande medida é fruto de aspectos internos às comunidades e às famílias. A postura masculina opressora, herança da sociedade patriarcal, ainda muito evidente no espaço rural tradicional, é um desses condicionantes. Conforme se observou nas famílias entrevistadas, a ausência do homem (no sentido físico ou mesmo da atuação masculina, nos casos de doença) permitia sua visibilidade e até o protagonismo nas relações. Nestas ocasiões a necessidade lhes obrigava a assumir o papel originalmente masculino.

Também o contexto social, da categoria em que está inserida (ou patronal ou familiar) era determinante, pois mais uma vez a necessidade, nesse caso de mão-de-obra, as colocava em patamar semelhante ao masculino na inserção do seu trabalho, por mais que a valoração desse ainda não fosse igual para ambos os sexos. Outro aspecto é a sociabilidade restrita, na qual as mulheres apenas são visadas nos ambientes domésticos, tidos como sua esfera de atuação. Sobre essa condição, ressaltam Ortner (1979) apud Di Ciommo (1999) afirma: “Enquanto a mulher for definida universalmente em termos de um papel amplamente materno e doméstico, esta será a origem de sua subordinação universal.” O posicionamento subordinado ou subalterno de uma parte para a outra, tanto em relação ao gênero quanto à classe social conforma relações de poder, o que reproduz e sustenta a própria subordinação.

As novas relações preconizadas na sociedade moderna (e pós-moderna para alguns), de respeito às diferenças, traduzidas inclusive na Legislação Brasileira recente pela punição severa a crimes de violência contra a mulher e manifestações de discriminação étnica, encaminham outros padrões de comportamento. Esses novos

²¹ Para melhor compreensão do termo, ver: Menasche, Renata. **Gauchismo: tradição inventada.** *En publicacion: Estudos. Sociedade e Agricultura no 1.* CPDA, Curso de Pós- Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Brasil. Novembro. 1993.

padrões já podem ser vistos na ocupação por mulheres de cargos e lugares antes estritamente masculinos. Porém, enquanto esses sutis avanços da inserção feminina no contexto social forem acompanhados pelo aumento da sua exploração, configurando a jornada de trabalho dupla e tripla (no caso das mulheres rurais), essas sociedades não serão capazes de superar as desigualdades históricas e ainda muito presentes em sua essência.

7) Referências bibliográficas

BERGER, P. e LUCKMANN, T. 1966/1987. A construção Social da Realidade, , Vozes, (23^a edição). Petrópolis-RJ

BRUMER, Anita. janeiro-abril/2004. **Gênero e agricultura:**a situação da mulher na agricultura do rio Grande do Sul. In; Estudos Feministas. 205-227. Florianópolis.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. 2006. **A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero.** Estud. psicol. [online]., v. 11, n. 1 pp. 65-69. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em dezembro 2008. (Natal)

DI CIOMMO, Regina Célia. 1999. **Ecofeminismo e Educação Ambiental.** UNIUBE, Cone Sul,. 264p. São Paulo

HASENACH, H., CORDEIRO, J.L.P., COSTA, B.S.C. 2007. **Cobertura vegetal atual do Rio Grande do Sul.** II SIMPÓSIO DE FORRAGEIRAS E PRODUÇÃO ANIMAL. In: **Anais....**

IBAMA - INSTITUTO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – Brasil. 2007.**Unidade: Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã.** Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/siucweb/mostraUc.php?seqUc=729> > Acesso em: 29 out

IBAMA - INSTITUTO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – Brasil. **Plano de Manejo da A.P.A. de Ibirapuitã.** Encarte 5. Disponível em:<http://www.ibama.gov.br/siucweb/unidades/apa/planos_de_manejo/729/html/encarte5/texto.htm>. Acesso em: outubro. 2008.

INCRA/FAO. 1999. **Guia Metodológico**: diagnósticos de sistemas agrários. Brasília. 58 p. (Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO)

LOCKIE, S. “ *The Invisible Mouth*”: Mobilizing “the Consumer” in Food Production-Consumption Networks. November-December de 2001. **Agro-Food Networks and Food Politics – Theme I – Theorizing Food Production-Consumption**, University of California, Santa Cruz.

MARTINS, J. de S. 1989. **Caminhada no Chão da Noite**, Vozes, Petrópolis-RJ.

MTG – MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO – **Eventos**. Disponível em <www.mtg.org.br> Acesso em: dezembro de 2008.

NECCHI, Vitor. 2005. **Dissonância no pampa**: A saga de Anahy de las Misiones na representação cinematográfica da identidade gaúcha. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Programa de Pós- Graduação em Comunicação Social/ PUCRS, Porto Alegre, RS.

ROZALINO, L., SÁ BRITO, A. , SILVEIRA, P.R.C. da., GENRO, C.J.M. e NEUMANN, P.S. outubro de 2008. *A Escassa Urbanidade do rural e a Abundante Ruralidade do Urbano:os conflitos de uma região em busca de um caminho para o desenvolvimento*, Mar Del Plata-ARG, **IV Congresso da RED SIAL**, anais em CD-room.

SOARES, Guiomar Freitas; SOARES, Quelen Ornel. 2006. **Reflexões sobre gênero e sexualidade na música gaúcha**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. UFSC, Florianópolis. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st_13_A.html> Acesso em: dezembro de 2008.

SOF – Sempreviva Organização Feminista. 2006. **Agricultura na sociedade de mercado**: as mulheres dizem não à tirania do livre comércio., 48p, São Paulo.